



## **Profeta do Genocídio: a Satanização de Ahmadnejad na Revista Veja**

Felipe Alexandre Silva de Souza

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **Resumo**

O presente trabalho procura analisar os mecanismos revista *Veja* utiliza para retratar o presidente iraniano Mahmoud Ahmadnejad. Para isso, falamos sobre o funcionamento dos conceitos orientalistas ao retratar o homem oriental, e seu auxílio na legitimação da exploração colonialista. Também fazemos uma breve contextualização da história recente do Irã. Com isso, pretendemos desvendar os motivos que levaram a *Veja* a lançar mão de determinados recursos ideológicos ao retratar Ahmadnejad.

### **Palavras-chave**

Revista *Veja*; Ahmadnejad; Irã; Ideologia

### **Texto do trabalho**

Este artigo pretende analisar o discurso orientalista presente na revista *Veja*. Para tanto, escolhemos dissecar a representação que o periódico faz de Mahmoud Ahmadnejad. Foram escolhidas as cinco primeiras matérias que veiculam imagens do presidente iraniano, publicadas entre 2 de novembro de 2005 e 28 de fevereiro de 2007. Para detectarmos o uso que a revista faz dos estereótipos do homem oriental, examinamos os seguintes componentes das reportagens: fotografias, manchetes, linhas-finas e legenda, bem como a interação destas dentro da página.

Para começar, é necessário fazer uma breve explicação de como os estereótipos – em especial o orientalismo – são usados para legitimar a exploração colonial em determinadas áreas do planeta.

### **Estereótipos: justificando o imperialismo**

A partir da segunda metade do século XIX, houve um gigantesco aumento da produção industrial europeia, levando à necessidade cada vez maior de matérias-primas, muitas vezes não disponíveis na Europa. Ao mesmo tempo, era preciso um aumento de consumo para escoar a superprodução; esse contexto motivou os capitalistas à busca de



novos mercados extra-europeus. Essa expansão viria a ser denominada *imperialismo*, não raro assumindo características colonialistas, quando havia uma conquista territorial de fato, ficando a nação submetida política, militar, administrativa e economicamente. Para que a exploração dos continentes subdesenvolvidos – Ásia, África e América Latina – fosse politicamente justificada, o uso dos *estereótipos* foi de grande importância.

As políticas imperialistas, não podendo mostrar seus reais objetivos, deveriam ser justificadas de outro modo, sendo vendidas como atos humanitários e civilizatórios. Para isso, era necessário o uso e reafirmação de estereótipos já incutidos na psique européia: em outros continentes – de capitalismo periférico - viviam povos exóticos, selvagens e primitivos; e a missão do homem branco cristão era levar a luz da civilização para os confins do planeta.

Dentre esses muitos “confins”, está o Oriente Médio, transformado ao longo dos séculos, por potências estrangeiras, em uma das regiões mais conturbadas e violentas do mundo. Isso se deve em grande parte a fatores naturais. Antigamente, o local era visado por funcionar como uma via de passagem entre três continentes – Ásia, África e Europa. Um fator de peso foi adicionado no final do século XIX: a descoberta de reservas de petróleo sob os desertos, substância que viria ser fundamental para sociedades que iniciavam sua dependência de combustíveis fósseis.

A construção ideológica específica utilizada para legitimar a exploração colonialista do Oriente Médio é chamada de *orientalismo*. Esse termo vem sendo usado desde o século XVIII para designar o estudo, por parte de intelectuais e acadêmicos, da história, culturas e filosofias dos povos orientais. Apesar da erudição pretendida, tais pesquisas resultaram em uma visão homogênea e redutora de uma miríade de povos com origens e culturas distintas. Não apenas redutora, a visão orientalista é degradante em relação ao alvo de estudo: o homem oriental é retratado como exótico, maléfico, primitivo, selvagem, desesperadamente necessitado – mesmo que não saiba ou não queira – da ajuda Ocidente e do capitalismo desenvolvido para alcançarem a redenção. Como explica Edward Said:



O Oriente que aparece no orientalismo, portanto, é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental. Se esta definição do orientalismo parece mais política que outra coisa, isso acontece apenas porque acredito que o próprio orientalismo foi um produto de certas forças e atividades políticas. O orientalismo é uma escola de interpretação cujo material, por acaso, o Oriente, suas civilizações, seus povos e suas localidades. (p. 209)

Mais do que produtos manufaturados, os centros desenvolvidos do capitalismo também exportam ideologia; logo, nada mais natural do que as construções orientalistas serem assimiladas por povos fora da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América. No Brasil, talvez a prova mais evidente disso seja a revista *Veja*. Iniciada em 1968, a revista semanal é a que mais atinge o público brasileiro, devido a sua circulação, e sempre veiculou matérias de política internacional. Desde a década de 1960, quando apareceram as primeiras reportagens tendo o Oriente Médio como tema, é possível perceber uma visão política e ideológica conservadora – ou seja, favorecendo Israel, os EUA e o Ocidente, em detrimento dos demais povos árabes – salvo quando se alinhavam a interesses ocidentais, como os sauditas, ou Sadat no Egito. Contudo, ao longo de sua trajetória, *Veja* deslocou-se progressivamente para a direita, chegando a produzir peças jornalísticas eticamente irresponsáveis em seu radicalismo. Não raro, o leitor não é convidado a refletir; ele é praticamente impelido a condenar este ou aquele personagem. O tratamento dado ao atual presidente iraniano, Mahmoud Ahmadnejad, é um exemplo emblemático do comportamento da revista.

Para entendermos as razões da revista *Veja* escolher retratar Ahmadnejad em tons tão negativos, devemos fazer uma breve contextualização das últimas décadas da história política do Irã.

### **Interesses estrangeiros no Irã**

Antes do xá Rezha Khan adotar oficialmente o nome *Irã*, em 1935, o país que governava era conhecido como *Pérsia*. Ao contrário do que diz o senso comum, os persas não são árabes. A semelhança de costumes se deu a partir de meados do século VII, quando os iranianos foram invadidos pelos árabes e assimilaram sua cultura, inclusive o islamismo, embora em uma forma singular, com traços do antigo zoroastrismo, que viria a ser conhecida no futuro como xiismo.



A partir daí, ao longo dos séculos, o Irã se familiariza com invasões e a dominação por parte de vários impérios estrangeiros. Chegando ao século XIX, Rússia e Inglaterra lutam pelo controle estratégico do país. Enquanto a Revolução Bolchevique faz com que uma recém criada União Soviética reduza drasticamente suas atividades na região, a descoberta de petróleo faz com que os iranianos sintam cada vez mais a presença dos ingleses, enfraquecidos pela Primeira Guerra Mundial e necessitados de fontes de combustível fóssil: surge, em 1908, a Anglo-Persian Oil Company (mais tarde renomeada como Anglo-Iranian Oil Company).

O descontentamento da população com a empresa britânica, que drenava os recursos naturais de um país onde a grande maioria vivia abaixo da linha de miséria, não demorou a aparecer. Mas foram necessárias mais de quatro décadas para um efeito político concreto: a eleição, em 1950, do nacionalista Mohammad Mossadegh para o cargo de Primeiro Ministro.

Quando Mossadegh nacionalizou a Anglo-Iranian, a reação dos ingleses, embora histórica, foi pífia. Debitada após o fim da Segunda Guerra e tendo perdido o posto de primeira potência mundial, a Grã Bretanha pede auxílio ao presidente estadunidense Dwight Eisenhower. Movidos tanto pela chance de tornar o Irã um aliado estratégico quanto pelo temor de uma possível influência soviética na área, os Estados Unidos utilizam a CIA (Agência Central de Inteligência) para arquitetar, em 1953, o golpe de estado que derrubaria Mossadegh e transferiria o poder para o xá Rezha Pahlavi, títere do Ocidente.

O violento governo pró-americano – e secular - de Pahlavi sucumbe em 1979, quando não consegue mais conter o descontentamento popular, canalizado e organizado pelos líderes religiosos do país em uma força política que culminou na Revolução Islâmica. O xá é substituído pelo aiatolá Ruhollah Kohmeini e a ditadura pró-ocidental se transforma em uma teocracia islâmica. Desde então, os chefes supremos do Irã são os aiatolás. A figura do presidente existe, mas este deve se submeter ao clero iraniano. Nenhum presidente do Irã foi considerado digno de nota pela imprensa ocidental até que, em 2005, é eleito Mahmoud Ahmadnejad. Seus discursos anti-sionistas e seu controverso programa nuclear prenderam a atenção do mundo – e da revista *Veja*.



## Ahmadnejad na revista *Veja*: criando um demônio

### 1. Dois de novembro de 2005

Em sua primeira aparição na revista, Ahmadnejad já se torna alvo do primeiro de uma série de apelidos chamativos e alarmistas. Basta olhar a manchete: *O profeta do genocídio*. *Profeta* remete às figuras religiosas chave do islamismo, e também a um certo fanatismo, irracionalismo – apesar de Ahmadnejad não ser um líder religioso, e nem ao menos fazer parte da ala mais fundamentalista de seu país. *Genocídio* refere-se tanto ao plano nuclear do Irã quanto ao antissionismo do presidente, trazendo ecos do Holocausto praticado pelos nazistas. A ideia que o título forma de Ahmadnejad tem pouco a ver com sua fotografia, na parte superior da mesma página: apesar da barba, não há nada nada foto que o ligue a um líder islâmico do Oriente Médio. Em vez de um turbante, roupas ocidentais simples.

A linha fina reforça a ideia de genocídio: *Novo presidente do Irã prega a destruição do Estado de Israel*. Essa frase adquire um interessante significado se prestarmos atenção em seguida um elemento da mesma fotografia em que aparece Ahmadnejad: abaixo deste, no púlpito, uma foto do planeta Terra, com a frase: *The world without zionism (O mundo sem sionismo)*. Assim, cria-se uma distorção muito utilizada pela extrema-direita nas relações exteriores: o Estado de Israel é um sinônimo de sionismo e judeus são sinônimo de sionismo. Portanto, ser contra o sionismo é ser contra os judeus como etnia, e a favor de seu extermínio.

Já em sua primeira aparição na revista, Ahmadnejad aparece com a mão direita levantada. Nesse caso, não há agressividade no gesto em si, que lembra um aceno. Mas, analisando outras edições, notamos que o presidente iraniano geralmente aparece com um dos braços levantado. Ora, uma vez que as fotos veiculadas pela revista são deliberadamente selecionadas a partir de um acervo de várias imagens, fica difícil acreditar em uma coincidência. Vale lembrar que o uso excessivo das mãos em atos públicos foi um traço marcante de ditadores populistas e líderes fascistas e violentos – como Adolf Hitler e Benito Mussolini.



## 2. 18 de janeiro de 2006

Dois meses depois de sua primeira aparição na revista, Ahmadnejad ganha um novo codinome, como mostra a manchete: *O louco da bomba*. Na medida em que analisamos as matérias em seu conjunto, notamos que *Veja* começa a construir a imagem do líder iraniano como alguém que não é apenas perigoso (genocídio) e fanático (profeta), mas também irracional e mentalmente desequilibrado (louco). Vê-se que foi escolhida uma foto que o desfavorece muito, tirada enquanto o presidente estava contra o sol. A expressão, rugas e sombras dão um ar malévolo ao seu rosto. Novamente há o gesto com a mão, mais expansivo e agressivo do que antes.

No título, *bomba* refere-se ao suposto plano iraniano de desenvolver armas nucleares, e induz o leitor a pensar que a outra foto da matéria mostra cientistas construindo uma bomba. A própria legenda contradiz essa impressão, notificando que é uma usina de energia nuclear.

A linha fina reforça a ideia de fundamentalismo: *Sob o comando de um presidente fanático, Irã ignora pressões internacionais e retoma seu programa nuclear*.

## 3. 19 de abril de 2006

O título dá um forte componente religioso à figura retratada: *O perigo do aiatolá atômico*. Além do exagero, há uma inverdade: Ahmadnejad é apenas o presidente do Irã. Não é um líder religioso, não é um aiatolá. A manchete traz um traço orientalista reducionista muito comum, segundo o qual, todo habitante do Oriente Médio é obrigatoriamente um islâmico radical. A ideia é reforçada pela palavra *perigo*, que juntamente com *aiatolá*, conecta a religião muçulmana com comportamentos arriscados. E esse risco é direcionado, pois fica subentendido que o “aiatolá atômico” é um risco para todo o Ocidente: não apenas para Israel e os Estados Unidos, mas também para o leitor brasileiro de *Veja*. *Eles* são um perigo para *nós*: essa dicotomia que destaca o oriental como “o outro” é tipicamente orientalista.

Nessa matéria, os editores colocaram lado a lado uma fotografia do então presidente estadunidense, George W. Bush, e outra de Ahmadnejad. Neste, a mão e o dedo em riste



estão novamente presentes, e sua expressão passa a ideia de um homem sarcástico, perigoso. Bush é o contraste: aparenta preocupação e quase imbecilidade, como se estivesse encarando as pessoas enriquecendo urânio, na foto ao lado.

#### **4. 14 de fevereiro de 2007**

Desta vez, *Veja* traz uma matéria de 18 páginas a respeito do Irã e sua conturbada situação política, intitulada *Uma nação incendiária*. Linha fina: *Veja visitou o Irã, país que pode levar o Oriente Médio a uma explosão ou ser a chave para sua estabilidade*. A foto que inicia a matéria ocupa duas páginas. A imagem é escura: retrata uma manifestação ocorrida durante a noite, com pessoas em volta de uma fogueira. A legenda da foto: *Alma xiita. A celebração do Ashura, na cidade de Qon: fogo e martírio*. A fotografia, embora mostre uma celebração, cria uma impressão oposta: o Irã estaria mergulhando nas trevas do fanatismo e obscurantismo, a nação estaria se consumindo. E a linha fina praticamente coloca o destino do Oriente Médio nas mãos do Irã, mais precisamente, de seu presidente.

Surpreendentemente, Ahmadnejad aparece apenas uma vez, na quarta página da matéria, em uma imagem na qual não está nem ao menos centralizado. Essa foto retrata uma conferência de imprensa. O presidente, em um púlpito à direita, está com as mãos baixas – caso raro na revista. Sua expressão é um tanto neutra. As demais pessoas na foto também aparentam tranquilidade, e os únicos elementos que denotam um contexto oriental ou muçulmano é a bandeira do Irã atrás de Ahmadnejad e dois retratos de aiatolás nas paredes. A falta de apelo na fotografia é compensada pela legenda, que contradiz totalmente o que está na imagem: *Pregação Radical. O presidente iraniano Mahmoud Ahmadnejad cercado de assessores: uma figura sinistra*. Não há nada de sinistro na foto, assim como não há nada que se assemelhe a uma pregação, muito menos a uma pregação radical. Mas a legenda dá um sentido totalmente diferente, direcionado aos clássicos estereótipos orientalistas de perigo, trevas e fanatismo.

#### **5. 28 de fevereiro de 2007**

A manchete da última matéria analisada, *A ameaça nuclear dos aiatolás*, remete ao título de 19 de abril de 2006 (*O perigo do aiatolá atômico*). O título, em conjunto com a



linha fina - *Bomba do Irã dá início à nova corrida por armamentos atômicos* – induz o leitor a concluir uma inverdade: a de que os iranianos já possuíam armamentos nucleares. Quanto à foto, é impossível não fazer o paralelo com os líderes fascistas: a imagem se assemelha muito a uma representação de alguma fala de Hitler na Alemanha. Mostra o Ahmadnejad de perfil, novamente com o braço em riste, de modo agressivo, em um palanque, no que parece ser um inflamado discurso para as massas, obviamente muçulmanas: além das bandeiras, a multidão é mostrada como uma horda homogênea, sem identidade – o recurso orientalista típico de tirar a individualidade humana do oriental, retratando-o como parte de um bando. A legenda realça a ideia de populismo: O populista Ahmadnejad: “*O Irã não vai recuar um passo em seu programa nuclear*”.

### **Orientalismo, ideologia e a revista *Veja***

A análise que fizemos das cinco primeiras aparições de Mahmoud Ahmadnejad na *Veja* reforça o que foi dito no início deste artigo: a revista tem um viés marcadamente orientalista. Ao prezar por esse discurso, o periódico faz uso de símbolos, que por sua vez, criam concepções ideológicas, já que é por meio destes, e não através do discurso direto, que determinados valores são transmitidos mais eficientemente.

Por exemplo, os comunistas têm um símbolo que é formado por uma foice e um martelo. Esse símbolo significa que o Movimento Comunista é produto da união entre [...] os camponeses e [...] operários. [...] O símbolo é um mecanismo que atua no inconsciente das pessoas. Ninguém reflete para relacionar, por exemplo, a cor vermelha com o sangue, [...] mas esses símbolos aparecem na vida das pessoas e suas cabeças praticamente decifram-nos automaticamente. (MARCONDES, 1985. p. 21)

Os símbolos tem a função de falar de forma indireta, de falar de uma maneira não-clara sobre fatos e coisas e também fazer que as pessoas pensam de uma forma não-imediata, ou seja, não-direta no assunto, mas por meio desse mecanismo inconsciente, que é o mecanismo simbólico. (MARCONDES, 1985. p.21)

Dentre esses símbolos e construções mentais utilizadas pela ideologia, está o estereótipo – constituído de

ideias, imagens, concepções a respeito de pessoas, objetos, fatos, etc., que as pessoas criam, aprendem ou simplesmente repetem, sem avaliar se são ou não verdadeiros – são vícios de raciocínio. [...] [Estereótipos] são os responsáveis pela criação de preconceitos, isto é, racismos, segregações e comportamentos dessa natureza. (MARCONDES, 1985. p.25)



No caso que analisamos, *Veja* lançou mão de alguns estereótipos – o louco fanático, o aiatolá irracional, a multidão ingênua e sem identidade – para auxiliar na legitimação da exploração de determinado país. O retrato que a revista aos poucos construiu Ahmadnejad procura induzir o leitor a ver no Irã não apenas como um lugar bárbaro, atrasado e povoado por fanáticos. Além de tudo isso, o país representa, segundo a visão de *Veja*, uma ameaça direta a tudo que o Ocidente mais preza – logo, uma invasão ou interferência ocidental naquela região estaria mais do que justificada.

## REFERÊNCIAS

KINZER. Stephen. **Todos os homens do xá: o golpe norte-americano no Irã e as raízes do terror no Oriente Médio.** Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARCONDES FILHO. Ciro. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia.** São Paulo: Global Editora, 1985.

SAID. Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## ANEXOS

### Matérias da revista *Veja*

#### 1. Dois de novembro de 2005

**Internacional**

# O profeta do genocídio

## O novo presidente do Irã prega a destruição do Estado de Israel

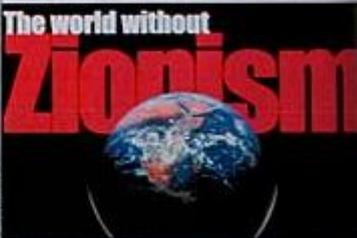
**A** única diferença entre Mahmoud Ahmadinejad, o novo presidente do Irã, e os aiatolás que zelam pela rigidez do regime islâmico é o turbante. Como não é clérigo, Ahmadinejad está dispensado do pano preto enrolado na cabeça. A anedota, que correu o Irã durante a campanha eleitoral, serve para mostrar o fanatismo do presidente, há quatro meses no poder. Na semana passada, para colocar um ponto final em qualquer esperança de moderação, o presidente afirmou que "Israel deve ser riscado do mapa" e prometeu lutar para que os políticos muçulmanos que defendem o reconhecimento do Estado judeu "querem na ira de seus povos". As ameaças, feitas em uma conferência em Teerã denominada "O mundo sem sionismo", parecem confirmar o temor de que o Irã desista das tentativas de restabelecer relações normais com o restante do mundo e pretende voltar ao furor fanático dos primeiros anos da revolução islâmica — e justamente no momento em que o país está desenvolvendo um programa nuclear.

Defender o extermínio dos israelenses está fora de moda no mundo árabe. O Egito e a Jordânia têm tratados de paz com o Estado de Israel. Mohamed Abbas, presidente da Autoridade Palestina, criticou a declaração do iraniano e lembrou que sua organização aceita o direito de Israel existir. Na verdade, Abbas tem seus próprios problemas com os aiatolás iranianos,

que dão dinheiro e ordena a grupos terroristas palestinos. Por sua vez, o governo israelense anunciou que vai solicitar a expulsão do Irã da ONU. "Imagine um país que toma uma atitude como essa com uma bomba atômica", alarmou-se o primeiro-ministro inglês, Tony Blair. Até que ponto as ameaças de Ahmadinejad devem ser levadas a sério?

O homem é mesmo um fanático. Mas declarações similares já foram feitas quatro anos atrás pelo ex-presidente Akbar Hashemi Rafsanjani, que hoje adota posições bem mais moderadas. O raciocínio de Rafsanjani era o seguinte: devido ao pequeno tamanho do país, bastaria uma única bomba nuclear para acabar com Israel. Por sua vez, a retaliação israelense, por maior que fosse, só poderia atingir um número limitado de muçulmanos. No mês passado,

por sugestão de Rafsanjani, que agora dirige um órgão consultivo do Parlamento, o conselho de aiatolás que de fato manda no Irã decidiu retirar do presidente o controle da diplomacia iraniana. "Os religiosos temem que Ahmadinejad aumente o isolamento internacional do Irã, o que prejudicaria o crescimento econômico", disse a VEJA o economista iraniano Siamak Namazi, do Woodrow Wilson Center, centro de pesquisas com sede em Washington, nos Estados Unidos. Ahmadinejad recusou-se a se retratar de suas declarações contra Israel. No mesmo dia em que ele discursava em Teerã, um homem-bomba palestino explodiu em uma feira livre na cidade israelense de Hadera. Cinco pessoas morreram. A Jihad Islâmica, grupo terrorista palestino que assumiu a responsabilidade pelo ataque, é financiada pelo Irã. ■



**Ahmadinejad: um fanático na Presidência**



**Atentado suicida palestino em Israel: pago pelo Irã**

70 2 de novembro, 2005 veja



2. 18 de janeiro de 2006



Internacional

# O LOUCO DA BOMBA

Sob o comando de um presidente fanático, o Irã ignora as pressões internacionais e retomou seu programa nuclear

Ruth Costas

**D**urante a Guerra Fria, a humanidade tremeu sob a ameaça de uma guerra nuclear. Porém, se diziam duas coisas animadoras a respeito daqueles tempos sombrios. A primeira é que ela terminou bem. O segundo foi demorado pela própria inação de seus métodos e propósitos, mas que uma só bomba atômica fosse de-

tonada. A outra é que se sabia o tempo todo que os arsenais estavam em mãos respeitáveis. Nesse segundo aspecto, infelizmente, o mundo mudou para pior. Na semana passada, o Irã retomou os seus programas de sua usina de enriquecimento de urânio e anunciou o reconhecimento de suas pesquisas nucleares. A decisão pôs fim a dois anos de suspensão voluntária, acertada em um acordo com países da Europa e a Agência Internacional de Energia Atômica, órgão das Nações Unidas, e só pode ser interpretada de uma maneira: os aiatolás querem ter armas atômicas, mesmo que para isso seja preciso enfrentar sanções internacionais.

A ideia de colocar tecnologia nuclear nas mãos do presidente Mahmoud Ahmadinejad, o mesmo que diz que o holocausto é uma invenção dos judeus e clama pela destruição de Israel, é assustadora. Combinação de fanatismo e populista, ele-

to com o voto dos miseráveis da periferia das cidades iranianas, Ahmadinejad esforça-se para espalhar o que restou da máquina aberta ao mundo exterior emanada por seu antecessor, Mohammad Khatami. "Trata-se de um risco real", disse a VEJA o americano Leonard Speiser, diretor do Centro de Pesquisas para a Não-Proliferação do Instituto Monterey de Estudos Internacionais, nos Estados Unidos. "Se tivesse tecnologia para obter a bomba nuclear, Ahmadinejad não hesitaria em usá-la contra Israel ou qualquer outro país que considerasse seu inimigo."

O Irã sustenta que seus esforços são modestos e pacíficos. Oficialmente, o urânio será enriquecido a apenas 5%, potência suficiente para acionar usinas geradoras de energia elétrica, mas bem abaixo dos 90% exigidos para armar uma bomba. O problema é que a tecnologia empregada em ambos os casos é a mes-

ma. Durante dez anos, os aiatolás mantiveram em segredo suas atividades nucleares, até ser denunciadas por dissidentes em 2002. Nesse período, negociaram com Abdul Qader Khan, o pai da bomba atômica do Paquistão, que também vendeu projetos nucleares à Coreia do Norte e à Líbia. O Irã ainda colabora com a Coreia do Norte para desenvolver mísseis de longo alcance, capazes de levar artefatos nucleares. É um conjunto de atitudes sinistras.

Ainda que Israel pareça o país em maior perigo, o programa nuclear do Irã desestabiliza toda a região. A Arábia Saudita, o Egito, a Síria e a Turquia, apenas para citar os quatro mais óbvios, logo estarão correndo atrás da bomba. Da mesma forma que George W. Bush

quer espalhar a democracia pelo mundo, Ahmadinejad e sua turma estão comprometidos com a missão de expandir a revolução islâmica. Do ponto de vista deles, isso significa principalmente libertar as populações vitais no restante do mundo islâmico. É difícil determinar por que os aiatolás decidiram afrontar o mundo exatamente agora, mas há algumas pistas. Uma delas é a relativa tranquilidade. Seu maior inimigo, o Iraque, não apenas foi colocado de joelhos pelos Estados Unidos, como agora é governado por religiosos vitais, gente que busca inspiração nos turbantes negros do Irã. O Exército americano está na fronteira, é verdade, mas sem fôlego para uma nova aventura militar.

Outro motivo é econômico: com a quarta maior produção de petróleo do mundo, os iranianos confiam que os países industrializados vão relutar em aplicar sanções comerciais contra eles, temendo uma alta no preço dos combustíveis. Não há muito que a comunidade internacional possa fazer de efetivo para

debratar os fanáticos com renda petrolífera anual de 50 bilhões de dólares — ex-ceto, evidentemente, iniciar uma guerra. Os Estados Unidos e os principais países da Europa querem levar o caso para o Conselho de Segurança da ONU, onde se poderá votar pela aplicação de sanções econômicas e diplomáticas. Ahmadinejad não teme o isolamento internacional. Na verdade, ele o deseja. "A estratégia dele é transformar o confronto com o Ocidente em uma desculpa para ampliar e consolidar o poder dos políticos e religiosos lesta-dana dentro do Irã", disse a VEJA o cientista político iraniano Abbas Milani, diretor do programa de estudos iranianos na Universidade Stanford, nos Estados Unidos. Calcula-se que o Irã esteja a cinco anos de ter um arsenal nuclear pronto para ser usado. É o tempo que se tem para evitar que um fisco pombo se miltos na bomba.

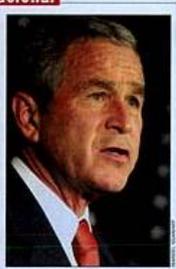
veja Conheça o País — Irã em [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br)

Mahmoud Ahmadinejad, que clama pela bomba nuclear islâmica, e uma usina iraniana sendo vistoriada em 2004: proliferação nuclear



3. 19 de abril de 2006

**Internacional**

**O Irã anuncia que já começou a enriquecer urânio, a matéria-prima das armas nucleares. O que os Estados Unidos vão fazer agora?**



**Processamento de urânio em usina iraniana, e, à esquerda, George W. Bush e o apocalíptico Ahmadinejad, presidente do Irã: "Quem estiver com raiva, que morra de raiva", diz Ahmadinejad**

# O PERIGO DO AIATO LÁ ATÔMICO

**Ruth Costas**

**A** queda-de-brasão entre os Estados Unidos e o Irã está chegando a um ponto assustadoramente semelhante àquele que precedeu a invasão do Iraque, em 2003. O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, contrariando um ultimato do Conselho de Segurança das Nações Unidas, insiste em avançar em um programa nuclear com fins obscuros e mandou-o longe dos olhos dos inspetores internacionais. Já o governo de George W. Bush vê minar suas tentativas diplomáticas de fazer o Irã colaborar e, ao menos nos corredores da Casa Branca e do Pentágono, já começa a discutir seriamente a possibilidade de uma ação militar. Na semana passada, o presidente iraniano fez um anúncio que deixa a situação ainda mais tensa: o Irã conseguiu enriquecer urânio pela primeira vez, em sua usina de Natanz, entrando para o clube dos países que dominam uma tecnologia essencial tanto para gerar energia nuclear quanto para construir bombas atômicas.

Nos próximos anos, os iranianos planejam aumentar o número de centrífugas de mais de 164 para 24.000, dando início à produção de combustível nuclear em escala industrial. O urânio iraniano foi enriquecido a 3,5%, potência suficiente para alimentar apenas usinas elétricas, muito abaixo dos 90% necessários para fabricar armas atômicas. Há poucos motivos para acreditar que o Irã ficará nisso. O país escondeu suas pesquisas nucleares por duas décadas, comprou secretamente tecnologia nuclear do cientista que criou a bomba atômica do Paquistão e hoje colabora com a Coreia do Norte no desenvolvimento de mísseis para carregar ogivas nucleares. Não seria tão grave se o país não fosse governado por um claque de fanáticos religiosos — o presidente Ahmadinejad é conhecido como "o maluco do apocalipse". Por essas e outras, o Irã não hesitará em mostrar sua bomba atômica — e isso pode ocorrer dentro de pouco mais de quatro anos.

A constatação de que os aiatolás estão mais perto de ter armas nucleares atingiu Washington como um míssil teleguiado. Hoje, as premissões nucleares da república islâmica são a principal preocupação da política externa do governo americano. A pergunta é: o que os Estados Unidos podem fazer para impedir que isso aconteça? Por virtuos fontes, o que ocorreu na semana passada foi que o Pentágono já formulou planos de um ataque aéreo às usinas iranianas. A reportagem mais contundente, escrita pelo repórter Seymour Hersh — o mesmo que denunciou a tortura de presos iranianos na prisão de Abu Ghraib —, afirma que o lado de tal forma avançado que já há militares americanos infiltrados no Irã para fazer contato com grupos dissidentes e reunir informações sobre os possíveis alvos de um bombardeio. A estratégia para destruir as instalações iranianas incluiu o uso de armas nucleares táticas — bombas com potência muito inferior à dos artefatos que destruíram Hiroshima e Nagasaki na II Guerra.

Há uma grande diferença entre elaborar planos militares e iniciar uma guerra. "É natural que o governo americano pense em todas as possibilidades e se prepare para o pior, mas isso não quer dizer que um ataque ao Irã seja iminente", disse à VEJA a cientista política iraniana Siamak Vakil, da Universidade Johns Hopkins, em Washington. O americano Barry Posen, especialista em segurança do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, enumerou três razões que inviabilizam uma ofensiva militar no Irã. A primeira é que uma guerra contra o Irã não seria ainda mais complexa e dispendiosa que o conflito iraquiano. O Irã tem um território quatro vezes maior que o do Iraque e nos últimos anos conseguiu incrementar seu arsenal militar. Já Saddam Hussein estava enfraquecido por um bloqueio comercial. Além disso, as ligações de Teerã com grupos sunitas que hoje dominam o governo no Iraque poderiam obrigar os americanos a tratar uma guerra em duas frentes.

A segunda razão é o fato de o Irã ser o quarto maior produtor de petróleo do planeta, o que representa quase um décimo das reservas globais. Desorganizar as exportações do país levaria os preços do petróleo a um patamar insustentável. A terceira e última razão é a falta de apoio da opinião pública americana. Se em 2003 a contensão causada pelos atentados de 11 de setembro garantiu a adesão a uma campanha militar, hoje quase 60% dos americanos reprovam a permanência de tropas no Oriente Médio. Por enquanto, o caso iraniano está em discussão no Conselho de Segurança da ONU. Os Estados Unidos tentam apoiar sanções econômicas e diplomáticas contra os iranianos. Devem, no entanto, enfrentar a resistência da Rússia e da China, dois membros do conselho que mantêm estreitas relações comerciais com o Irã. Esgotada essa última alternativa, ainda assim a probabilidade de um novo conflito no Oriente Médio será menor que há três anos. Estará mais perto, infelizmente, o dia em que o "maluco do apocalipse" terá a bomba.

**DO URÂNIO À BOMBA**

O grau de enriquecimento determina a utilização possível para o material radioativo

- 0,7% Urânio encontrado na natureza
- 3,5% Produção de energia elétrica
- 20% Combustível para submarinos
- Mais de 90% Fabricação da bomba atômica

**POUR PROCHAIN, O IRAN ESTÁ AQUI**



68 19 de abril, 2006 **veja**



#### 4. 14 de fevereiro de 2007

**C**ertos quinte todos os pedregulhos da capital, Teerã, o Parlamento iraniano não chama atenção pela arquitetura. De fora, é uma construção que se confunde na paisagem urbana. Mas seu plenário é uma história. Decorado em verde, a catedral do islamismo, ele exibe dois retratos gigantes. Um representa o aiatolá Khomeini, mentor da revolução islâmica que, em pleno século XX, impôs a um Irã laico e com chances de se modernizar a treva da teocracia. Ao lado se vê a imagem de seu sucessor, Ali Khamenei, líder supremo da nação desde 1989. Nas galerias do fundo, dezenas de mártires políticos são homenageados. Em 21 de janeiro, três dias antes de seus antipodas americanos em Washington, os congressistas iranianos se reúnem para ouvir no Parlamento uma espécie de Discurso sobre o Estado da União. O orador era uma das figuras mais incendiárias da política contemporânea — o presidente Mahmoud Ahmadinejad.

Desde sua eleição, em meados de 2005, Ahmadinejad desconcerta o mundo com sua retórica agressiva. Ele fala sobre a transformação do Irã numa potência atlântica, dispara frases ultrajantes a respeito da antiguidade de Israel e da insustentabilidade do Holocausto na II Guerra e viaja pelo mundo empunhando a bandeira do anti-americanismo. Seria reconfortante descrevê-lo como um bufão sinistro. Mas isso não é correto. Ahmadinejad é o beneficiário e o símbolo da malanca insperada que, 28 anos depois da revolução islâmica, fez do Irã, mais uma vez, um centro de tensão mundial.

Em meados de 2003, depois da queda de Saddam Hussein no Iraque, apenas dois destinos pareciam reservados ao país dos aiatolás. Num cenário, a ditadura religiosa conseguiria sobreviver, mas condenada ao isolamento, como pátria internacional. No outro, as pessoas de uma população majoritariamente jovem resultariam no colapso do autoritarismo e na abertura do país. As incursões militares dos Estados Unidos no Afeganistão e no Iraque, apesar de alterarem o cenário, não mudaram o curso de fundo para essas previsões. Entrazada nas redondezas, a democracia acabaria por empurrar o Irã.



Mas o efeito verdadeiro — e paradoxal — da guerra americana ao terror foi a inversão desses expectativas.

Nos últimos três anos, a escalada no preço do petróleo impulsionou o Irã de dólares. A derrubada dos talibãs e de Saddam Hussein varreu do mapa inimigos históricos e, mais importante, livrou da opressão comunidades xiitas suscetíveis à influência dos clérigos de Teerã. Em vários pontos do Oriente Médio, grupos extremistas como o Hezbollah e as Milícias Mujihi receberam patrocínio iraniano — desbragado no discurso e eficientemente encoberto quando se trata de dinheiro e armas. Quanto mais os Estados Unidos se atolam no Iraque, mais crescem a coesão e a influência do país. Dono de uma

consciência histórica que remonta aos esplendores da civilização persa, 2.500 anos atrás, o Irã nunca deixou de desprezar a vizinhança turca e a árabe. Ele sempre se imaginou como potência regional. Agora, alardeia essas credenciais. Fez o furo de prosseguir impávido no desenvolvimento de um programa nuclear, apesar das ameaças do Ocidente e de sanções econômicas que lhe foram impostas pela ONU no fim do ano passado, fez do Irã mais do que um rato que ruge. Neste momento, em instalações subterrâneas na serra de Natanz, 5.000 centrifugas que convertem urânio em combustível atômico estão sendo montadas. Para fins pacíficos, insiste o país — e dúvida o Ocidente. O Irã é o país que pode levar o Oriente

**PREGAÇÃO RADICAL**  
O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad (à dir.), cercado de assessores: uma figura sinistra

para diáspora. “A posse da tecnologia nuclear é um sonho grandioso, que está mudando nossa posição no mundo”, disse Ahmadinejad. “Ao implementarem sanções contra nós, nossos inimigos desejam intimidar nosso povo. Mas eles não podem nos ferir. As sanções são um preço baixo para atingir nosso objetivo.” Recentemente chegou de uma viagem à América Latina na qual visitou três países — em especial a Venezuela, governada por seu gênero autoritário Hugo Chávez —, Ahmadinejad contou aos Estados Unidos. “Os americanos dizem que nós estamos isolados. Mas nas ruas por onde passo eu sinto as pessoas gritar o nome de Bush e quem está isolado. Ele não pode ter acesso vizinhos como eu fui.”

para diáspora. “A posse da tecnologia nuclear é um sonho grandioso, que está mudando nossa posição no mundo”, disse Ahmadinejad. “Ao implementarem sanções contra nós, nossos inimigos desejam intimidar nosso povo. Mas eles não podem nos ferir. As sanções são um preço baixo para atingir nosso objetivo.” Recentemente chegou de uma viagem à América Latina na qual visitou três países — em especial a Venezuela, governada por seu gênero autoritário Hugo Chávez —, Ahmadinejad contou aos Estados Unidos. “Os americanos dizem que nós estamos isolados. Mas nas ruas por onde passo eu sinto as pessoas gritar o nome de Bush e quem está isolado. Ele não pode ter acesso vizinhos como eu fui.”

## 5. 28 de fevereiro de 2007

# A AMEAÇA NUCLEAR DOS AIATOLÁS

### Bomba do Irã dá início à nova corrida por armamentos atômicos

**Denise Dweck**

Dois dias antes do Natal, o Conselho de Segurança das Nações Unidas deu o prazo de sessenta dias para o Irã atender a três exigências: paralisar seu programa de enriquecimento de urânio, interromper os projetos de água pesada e começar a cooperar com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). O prazo venceu na quarta-feira passada e a resposta iraniana foi renovar o desafio: em lugar de congelar, o Irã acelerou o programa nuclear, de acordo com o relatório da AIEA. Mais 326 centrífugas para enriquecimento de urânio foram instaladas nos subterrâneos da fábrica de Natanz, elevando o total em funcionamento para 700. Quando estiver completamente equipada, Natanz terá 3.000 centrífugas e produzirá material suficiente para montar uma bomba nuclear por ano. A ambição dos aiatolás é chegar a 54.000 centrífugas. Com tantas máquinas, o Irã

**IRAN** Tem um arsenal nuclear estimado em 300 ogivas. Com novos missões e subterrâneos, o país da região tem a maior capacidade de ataque a distância.

**IRAN** Apesar de protegido pela Otan, o país estuda a criação de um programa nuclear próprio para se contrapor ao Irã.

**IR** Está desenvolvendo urânio, o primeiro passo para construir armas nucleares. Pode ter sua primeira bomba em oito anos.

**PALESTINA** O arsenal de 50 "bombas islâmicas" tenta compensar a inferioridade militar em relação à Índia.

**ÍNDIA** Seu estoque, estimado entre 40 e 90 ogivas (bombas que podem ser lançadas por mísseis), é um elemento de dissuasão na guerra fria com o Paquistão.

**ÍNDIA** Em reação ao programa nuclear iraniano, já anunciou planos de comprar 3 reatores nucleares. A Arábia Saudita pode ajudar a pagar a conta.

**ÍNDIA** Investiga dois sites iranianos, já pediu ajuda aos russos para desenvolver um programa de energia nuclear. Pode se associar ao programa egípcio.

**CHINA DO NORTE** Já fez um teste nuclear e tem material para montar de 3 a 8 bombas. Neste mês negociou a troca de seu programa nuclear por ajuda econômica.

**CHINA DO SUL** A grande potência atômica do Oriente tem um estoque de 400 ogivas nucleares e capacidade de fabricação praticamente limitada.

**URSS** Estuda desenvolver suas próprias armas nucleares para contrabalançar a ameaça da Coreia do Norte.



O populista Ahmadinejad: "O Irã não vai recuar um passo em seu programa nuclear"

iraenses estimam a demora em seis anos. É para breve, portanto.

Terá sustenta que seus esforços nucleares são pacíficos. Oficialmente, o urânio será enriquecido a apenas 5%, potência suficiente para acionar usinas geradoras de energia elétrica, mas bem abaixo dos 90% exigidos para armar uma bomba. Mas a tecnologia empregada em ambos

os casos é a mesma e o programa nuclear iraniano é suspeito desde o início. Sua existência foi marcada em segredo durante dez anos, até ser denunciada por dissidentes em 2002. Pela notícia do presidente iraniano, um alvo prioritário de ataque nuclear poderia ser Israel — ele já disse que basta uma bomba para varrer o Estado judeu do mapa. Os iraquenses, porém, são difíceis de derrotar. Tem seu próprio arsenal nuclear e ictam reatar de modo arrasador. Os po-

ques países do Golfo Pérsico estão convencidos de que estão entre os primeiros alvos de um ataque iraniano e se preparam para isso. "Eles temem a expansão da ideologia iraniana de revolução islâmica e por isso estão atrás de armamentos e tecnologia para enfrentar-la", diz o americano Han Berman, especialista em segurança regional do Conselho Americano de Política Exterior, em Washington. Geralmente discretos em assuntos militares, os países do Golfo estão se ar-

Estados de Não-Proliferação, de Monterey, na Califórnia. A facilidade com que os aiatolás estão se preparando para entrar no clube das potências nucleares é um golpe fatal no tratado contra a proliferação nuclear que funcionou bem durante a Guerra Fria. De uma hora para outra, a Índia, o Paquistão e até a Coreia do Norte, país que nem sequer consegue alimentar seus habitantes, exibem arsenais atômicos. A bomba iraniana irá escancarar as portas da proliferação — sobretudo porque parte da tecnologia pode ser comprada no mercado negro.

